**PARA UMA NOVA CONSCIÊNCIA**

**Dia Internacional de Convivência em Paz 2023 – TURIN**

O que dizer do estado do mundo de hoje, se não for confrontado com uma mutação e uma agitação espectaculares. A globalização estende a sua teia, ignorando todos os valores universais. É aparentemente o reino soberano da uniformidade e da globalidade. Essa dinâmica, longe de nos levar à unidade, nos leva a um mundo binário, dualista, cada vez mais fraturado. O Oriente e o Ocidente tendem a opor-se, alimentando cada vez mais os antagonismos.

Impõe-se uma nova abordagem: como encontrar soluções e soluções para os problemas que constatamos individual e colectivamente ligados à situação preocupante que atravessamos.

Esta constatação interpela-nos profundamente e recorda-nos que ser humano é, antes de mais, um estado de consciência, que se situa para além da pertença a uma comunidade, uma religião ou uma cultura. Percebemos com confusão que todos precisamos urgentemente de uma nova consciência para enfrentar os desafios globais que enfrentamos, sejam eles sociais, políticos, ecológicos, climáticos, econômicos ou espirituais.

Impõe-se uma nova visão para abrir em nós um espaço onde o outro tem direito ao seu lugar e à sua dignidade. Só ela pode conduzir-nos a um questionamento dos nossos sistemas, do objectivo que damos às nossas vidas e ao nosso modo de ser no mundo. Para viver e prosperar, a nossa sociedade precisa de uma visão partilhada, de um denominador comum que a una através de um ideal portador de sentido e de coesão. Assim, cada um pode tomar consciência de que é membro de um mesmo corpo e que, ao agir pelo bem comum, age pelo seu próprio bem.

Sair da nossa inconsciência é um factor-chave para alcançar a paz consigo mesmo, com o outro e com o resto da vida. Ao afirmar a escolha da nossa interdependência e das nossas responsabilidades para com os outros seres humanos e para com o planeta Terra, podemos agir de forma mais ética e respeitosa, favorecendo assim a justiça, a igualdade e a cooperação. Este esforço imperativo deve contribuir para reduzir as tensões, os conflitos e as violências. Torna-se um guia virtuoso universal para promover decisões capitais que preservam o futuro das jovens gerações, reconciliando-nos uns com os outros.

Para alcançar um estado de paz duradouro, é preciso refletir sobre as consequências de nossas escolhas individuais e coletivas e caminhar para mudanças de comportamento, mentalidade e política em diferentes níveis, do local ao global. Sair da cultura do JE para ir para a Cultura do NOUS. É aqui que a educação para a Cultura da Paz, desde a infância, entra em jogo para o nascimento desta nova consciência, colocando a paz no coração dos ensinamentos e das aprendizagens.

«Nascendo as guerras no espírito dos homens, é no espírito dos homens que devem ser elevadas as defesas da paz» preâmbulo do Acto Constitutivo da UNESCO - Londres, 16 de Novembro de 1945.

Como sede de nosso bem-estar, a consciência pode promover a empatia, a tolerância, a cooperação e a economia da paz. Consideração da complexidade e diversidade das realidades sociais, A cultura e a política permitem compreender melhor os desafios e os desafios que se colocam à construção de uma cultura que incentiva o compromisso cívico e a participação ativa a viver juntos em paz em sociedades mais pacíficas e justas: a Cultura de Paz.

Precisamos distinguir o que em nós está inscrito na finitude, do sopro do Espírito permanente e eterno que anima e conecta o Todo para nos enraizar em uma consciência universal que nos permite realizar nossa pertença ao Universo e nos ligar responsavelmente ao resto da vida para construir a civilização doUniversal.

A crise que o nosso tempo atravessa coloca-nos numa emergência que não pode ser negada. Ninguém pode medir os efeitos devastadores que ela pode provocar hoje ou pior, para as gerações futuras. É hora de restaurar o papel da mediação, seja preventiva ou reparadora, para gerar esperança, recriar a confiança e restabelecer os laços para que os membros da comunidade possam trabalhar juntos em sinergia, gerar ações coletivas para reforçar a justiça social, a inclusão e a tolerância, criando um clima favorável à resolução pacífica de conflitos.

Formar mediadores para dominar suas próprias emoções, preconceitos e limites, é imperativo para que eles possam entender melhor as partes em conflito e promover a comunicação e a cooperação entre elas. Essa habilidade deve ajudá-los a permanecer imparciais. O mediador ou mediador é um «mediador» de soluções criativas, adaptadas às necessidades das partes.

Onde estão aqueles que, por amor e dedicação, podem corresponder a essa expectativa, aqueles e aqueles que trazem dentro de si esta Mensagem de reconciliação através da alteridade e do despertar salutar que permite fazer do adversário um parceiro?

Para reatar com o calor da melodia do canto, fonte de vida, que a Terra dirige aos céus, cabe às mulheres e aos homens clarividentes e sábios preencher o vazio mediano e tecer a roupa da concórdia para curar os males deste século.

O xeque al Alawi (1869-1934), um sábio do século XX, disse: A doença está em você, e você não vê nada. A cura só pode vir de ti e tu não sabes. Você acredita que você não é nada mais do que um corpo minúsculo, enquanto em você está o Macrocosmo com uma letra maiúscula. »

Os choques às vezes são benéficos. Tudo nos impulsiona a unir nossos esforços e tomar o caminho que reconcilia nosso belo planeta Terra com seus habitantes. É um dever sagrado para todos e não podemos fugir a essa responsabilidade. Colocar os nossos conhecimentos, os nossos bens, os nossos conhecimentos e a nossa tecnologia em sinergia ao serviço do bem comum. Agir juntos pela paz, o Viver juntos, a justiça e a dignidade. Cada um de nós é uma célula do mesmo corpo.

Ele chama-se «Humanidade».

Cheikh Khaled Bentounes,

Fundador e Presidente Honorário da AISA ONG Internacional